

Jesus, o Polêmico

(Marcos 2:13–3:6)

Joe Schubert

Estou convencido de que muitas pessoas vêem Jesus como fraco e brando, como o homem que realmente tentou viver em paz com todos e que tentou, em todas as circunstâncias, evitar controvérsias. Mas, quando lemos os relatos dos Evangelhos, vemos que desde o início Jesus afrontou deliberadamente certos grupos. De fato, tornou-se difícil lidar com Ele, e as normas estabeleciam que a única saída era se livrarem dEle.

Marcos 2:13–28 contém um relato do tipo de controvérsia que Jesus costumava levantar. O centro das duas controvérsias girava em torno da constante ênfase de Jesus de que as pessoas, todas as pessoas, eram importantes.

A CONTROVÉRSIA DA ASSOCIAÇÃO (2:13–17)

A primeira dessas controvérsias começa no versículo 13.

O Chamado de Mateus

O palco dessa controvérsia dá-se no chamado de Mateus para ser um discípulo. O texto bíblico diz:

De novo, saiu Jesus para junto do mar, e toda a multidão vinha ao seu encontro, e ele os ensinava. Quando ia passando, viu a Levi, filho de Alfeu, sentado na coletoria e disse-lhe: Segue-me! Ele se levantou e o seguiu (vv. 13, 14).

Levi, ao que tudo indica, recebeu o nome de Mateus. É possível que foi Jesus quem mudou o nome desse discípulo de Levi para Mateus, que significa “dom de Deus”, e talvez fosse assim que Jesus via Mateus.

Mateus vivia e trabalhava em Cafarnaum, uma cidade que Jesus escolheu para ali fixar “moradia”. Ele era um coletor de impostos e deve ter ouvido Jesus falar antes dessa ocasião em que o Mestre o chamou para ser um discípulo. É realmente notável que Jesus tenha chamado um homem como Mateus, pois um coletor de

impostos nada mais era do que alguém treinado para extorquir, tirando o seu sustento do excedente que sobrava ao cobrar do povo impostos além do que a Lei exigia. Esses coletores de impostos não tinham um salário fixo, mas permitia-se a eles o privilégio de enganar o povo. Eles pagavam uma comissão ao governador, mas o restante do que coletavam podia ficar com eles. Geralmente, eram homens ricos. Mas Jesus viu algo em Mateus. Ele conhecia o coração dele. Quando Jesus disse: “Segue-me”, Marcos diz que Mateus levantou-se e O seguiu.

Dentre todos os apóstolos, Mateus provavelmente teve mais para abandonar a fim de seguir a Jesus do que os demais. Pedro, Tiago, João e André eram pescadores, e poderiam, a qualquer momento, voltar ao negócio da pesca. A pesca ainda estaria lá. Os barcos ainda estariam aportados. Mas Mateus destruiu as pontes atrás de si. Num só ato, num só instante, num só momento decisivo, ele saiu do emprego para sempre. Assim que ele virou as costas para seus patrões romanos e disse: “Estou me demitindo do meu cargo de coletor”, perdeu permanentemente aquele emprego. É preciso ser um grande homem para se tomar uma grande decisão, e essa hora de decisão chega para todos nós em algum momento da vida.

O Banquete de Mateus

Os versículos consecutivos descrevem uma cena que provavelmente ocorreu no dia seguinte e está diretamente ligada ao chamado de Mateus. Nos versículos 15 a 17 Marcos diz:

Achando-se Jesus à mesa na casa de Levi, estavam juntamente com ele e com seus discípulos muitos publicanos e pecadores; porque estes eram em grande número e também o seguiam. Os escribas dos fariseus, vendo-o comer em companhia dos pecadores e publicanos, perguntavam aos discípulos dele: Por que come [e bebe] ele com os publicanos e pecadores? Tendo Jesus ouvido isto, respondeu-lhes: Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes; não vim chamar justos, e sim pecadores.

Evidentemente, através daquele jantar, Mateus estava dizendo adeus ao seu antigo trabalho e aos seus velhos amigos. O jantar também era uma oportunidade para Mateus apresentar aos amigos seu Senhor recém-descoberto. Era, portanto, uma ocasião normal e natural de festividade e de alegria. Que bando de maus caracteres era aquele. Todos os coletores de impostos da cidade, as pessoas a quem os fariseus chamavam pecadores, os párias sociais estavam sentados ali. Quando os professores da Lei judaica, os escribas e fariseus, passaram em frente e olharam para dentro da casa, viram Jesus sentado bem no meio dessas pessoas. Eles foram até os discípulos de Jesus e disseram: “Ele não sabe quem são essas pessoas? Por que, ó céus, Ele está se associando com essa gentinha?” Era óbvio que Jesus era amigo daquelas pessoas. Ele não estava palestrando a eles, estava simplesmente comendo com eles. Os escribas ficaram indignados diante disso.

Qual foi a resposta de Jesus? Ele poderia muito bem dizer, como alguns de nós teríamos dito: “Vou pensar nisso. Se as autoridades religiosas que lideram pensam dessa forma, talvez eu realmente deva sair daqui já. Se estou prejudicando Minha influência sobre esses homens, isto vai pôr em perigo todo o Meu trabalho. Arriscar a Minha reputação é realmente um preço alto demais para pagar por esse tipo de gente. Talvez Eu deva ir embora”. Mas Jesus sabia de uma coisa: Ele sabia que Deus amava até mesmo os coletores de impostos.

Marcos diz no versículo 17: “Tendo Jesus ouvido isto, respondeu-lhes: Os são não precisam de médico, e sim os doentes; não vim chamar justos, e sim pecadores”. A resposta de Jesus é muitíssimo reveladora. Num sentido, Ele concordou com os escribas e fariseus. Ele disse, em outras palavras: “Vocês estão certos. Estas pessoas estão doentes. Elas fazem o que é mau; têm problemas. O estilo de vida que elas têm é muito prejudicial para elas mesmas. Existem muitas coisas erradas sobre a vida que elas não enxergam. Estão encobrindo muitos males; estão envolvidas com muitos pecados. Vocês estão certos; são enfermos, mas onde um médico deveria estar? Eu vim para curar doentes. Não vim chamar ao arrependimento justos, e sim pecadores”.

Jesus esclareceu enfaticamente muitas verdades nessa resposta. Não percamos nenhuma delas de vista. Em primeiro lugar, Ele indicou energicamente que quando as pessoas pensam que não precisam de nenhuma ajuda de Deus, elas não estão em posição de serem ajudadas. Não há nada a se dizer para elas. Você e eu encontramos

pessoas assim todos os dias. Elas são auto-suficientes e não sentem necessidade da ajuda de Deus nem de ninguém mais. A melhor maneira de tratar essas pessoas é simplesmente sorrir, ser amigável e deixar que sigam o seu caminho, porque a vida lhes ensinará, mais cedo ou mais tarde, que elas estão erradas. Um dia, elas chegarão ao fundo do poço — um filho à beira da morte, um casamento prestes a se dissolver, uma crise financeira, o falecimento de um ente querido — e todas as suas ilusões de auto-suficiência desabarão aos seus pés.

A segunda verdade que o nosso Senhor revelou em Sua reposta aos escribas e fariseus é igualmente importante: pessoas são mais importantes do que preconceitos. Um cristão trata todos bem, independentemente da aparência ou reputação que tenham. Era sempre assim que Jesus se aproximava das pessoas, de todas as pessoas. Jesus mostrou que não Se deixava afetar pelos outros. Ele manteve Sua integridade e Sua fé nas pessoas mesmo diante daqueles que O criticavam.

A CONTROVÉRSIA DO JEJUM (2:18–22)

Uma segunda controvérsia é apresentada no versículo 18:

Ora, os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando. Vieram alguns e lhe perguntaram: Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam? Respondeu-lhes Jesus: Podem, porventura, jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Durante o tempo em que estiver presente o noivo, não podem jejuar. Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo; e, nesse tempo, jejuarão (vv. 18–20).

Novamente, temos um grupo de fariseus escandalizados. Evidentemente, o dia em que esse incidente ocorreu era um dia de jejum. A Lei de Moisés de fato prescrevia somente um jejum, o Dia da Expição, Yom Kippur (em hebraico), que ainda é observado pelos judeus fiéis de hoje. Mas os fariseus, com o intuito de mostrar o quanto eram zelosos, designaram outros jejuns, pois consideravam o jejum a melhor maneira de impressionar a Deus e às outras pessoas. Vestiam-se de saco e jogavam cinzas no rosto. Ficavam abatidos e com os olhos fundos. Queriam que os outros olhassem para eles e dissessem: “Puxa! Como são religiosos!” Pensavam que Deus também perceberia isso. Nesse dia de jejum em particular, essas pessoas foram até Jesus e disseram: “Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não

jejuam? Eles não sabem dessas tradições? Não sabem quais são nossos costumes? Por que os teus discípulos não honram essa prática com a qual estamos tão acostumados?”

A Resposta de Jesus

A resposta do Senhor é muito penetrante. Efetivamente, Ele disse: “Vocês fazem tudo errado. Vocês entenderam mal a natureza desta ocasião. Pensam que se trata de um enterro. É um casamento. O noivo está aqui. Quando o noivo está aqui, há festa, alegria, risadas e felicidade. Mas virá um tempo quando o noivo já não estará aqui e vocês jejuarão”.

Havia, com certeza, um elemento profético na afirmação de Jesus. Ele disse: “Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo”. Ele era o noivo. Jesus estava olhando para o futuro, para o dia em que a cruz seria uma realidade. Ele sabia que a cruz estava por vir. Nesse tempo vindouro seria certo jejuar e lamentar.

Esse incidente nos diz algo importante. Prestemos atenção. A atitude característica do cristão para com a vida é de alegria. Durante centenas de anos, os judeus haviam adorado no templo — prestando cultos solenes, cerimoniais e ritualísticos, em torno do sacrifício e do silêncio perante a onisciência de Deus. Jesus estava ensinando que uma nova relação havia se estabelecido com o noivo, Ele próprio, uma relação que só pode ser expressa em termos de alegria, felicidade e celebração. Jesus estava discursando acerca das drásticas mudanças no caráter de adoração que ocorrem quando a pessoa se conscientiza da nova relação com Ele. O conceito de adoração do Antigo Testamento enfatizava solemnidade, silêncio e austeridade. Mas Jesus disse: “Não, em vez de jejum, festa. Em vez de roupas de saco, uma túnica. Em vez de solenidade, alegria. Em vez de enterro, uma festa de casamento”. Uma razão por que tantas pessoas se ausentam dos cultos de adoração hoje é que a adoração da igreja muitas vezes é demasiadamente mórbida, melancólica e sem vida. O espírito de adoração, segundo Jesus, deve ser de alegria, empolgação e felicidade, semelhante ao que se experimenta numa festa de casamento.

As Ilustrações de Jesus

Jesus sabia muito bem que tudo aquilo era um conceito novo para os judeus. Ele também sabia que a Sua conduta e o Seu estilo de vida eram perturbadoramente diferentes do estilo dos professores judeus ortodoxos. Ele também sabia como é difícil para a mente humana aceitar no-

vas verdades. Por isso, Jesus usou duas ilustrações vívidas para esclarecer esse ponto. Ele disse nos versículos 21 e 22:

Ninguém costura remendo de pano novo em veste velha; porque o remendo novo tira parte da veste velha, e fica maior a rotura. Ninguém põe vinho novo em odres velhos; do contrário, o vinho romperá os odres; e tanto se perde o vinho como os odres. Mas põe-se vinho novo em odres novos.

Ninguém poderia ilustrar melhor essa verdade do que Jesus. Que poder Ele tinha de usar coisas comuns do cotidiano e compor com elas uma ilustração para tornar vívido, claro e novo o que Ele estava dizendo. Disse Ele: “Já passou a hora de tentar remendar o velho com o novo”. O que Ele queria dizer com aquela expressão? Ele queria dizer que relações novas requerem expressões novas, e os novos conceitos que Jesus estava trazendo eram poderosos demais para serem contidos nos velhos formatos, nas velhas cerimônias, nas velhas ordenanças. Geralmente, é tão difícil se aceitar uma nova verdade, e esta, muitas vezes, provoca o mesmo tipo de controvérsia que Jesus enfrentou aqui com os judeus tradicionais.

A CONTROVÉRSIA DO SÁBADO

(2:23—3:6)

No parágrafo seguinte, Marcos introduz a primeira de duas outras controvérsias em que Jesus envolveu-Se por causa da observância do sábado. As leis a respeito do sábado foram a origem de impasses desagradáveis entre Jesus e os judeus.

O Primeiro Incidente

O primeiro incidente começa a ser narrado no versículo 23.

Ora, aconteceu atravessar Jesus, em dia de sábado, as searas, e os discípulos, ao passarem, colhiam espigas. Advertiram-no os fariseus: Vê! Por que fazem o que não é lícito aos sábados? Mas ele lhes respondeu: Nunca lestes o que fez Davi, quando se viu em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros? Como entrou na Casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu os pães da proposição, os quais não é lícito comer, senão aos sacerdotes, e deu também aos que estavam com ele? E acrescentou: O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado (vv. 23–27).

Essas palavras eram desafiadoras para aqueles homens. Mais uma vez, um incidente coloca Jesus diretamente em confronto e controvérsia direta com os fariseus.

Os discípulos de Jesus estavam fazendo o

que seria perfeitamente adequado em qualquer dia da semana. Não estavam roubando de um agricultor. A Lei de Moisés dizia que um viajante estava livre para pegar e comer espigas do chão, desde que não usasse a foice ou a sega. O problema nesse incidente é que eles fizeram isso num sábado. Os líderes judeus haviam dito: “Nenhum trabalho deve ser feito no sábado. Colher um único grão e comê-lo constitui trabalho; portanto, vocês violaram as regras do sábado”. Esses líderes haviam limitado o sábado a 101 restrições por eles inventadas.

O sábado foi originalmente concedido para descanso e recreação. Observado devidamente, era uma alegria. Mas os fariseus o haviam cercado com milhares de interpretações exageradamente minuciosas do que significava não trabalhar no sábado, transformando a observância desse dia num fardo terrível para carregar.

Analisemos o seguinte exemplo. Os fariseus diziam que era permitido um homem cuspir numa pedra, mas se um homem cuspiresse no chão e o cuspe se transformasse em barro, isto era errado. Era trabalho, pois o indivíduo havia feito barro. Sendo assim, embora fosse perfeitamente adequado cuspir numa pedra no sábado, não se podia cuspir na terra. Não é mesmo de admirar que eles julgavam ser errado colher um grão de cereal para comer no sábado.

O que os discípulos de Jesus fizeram não era uma violação da Lei divina do sábado; era meramente uma violação das interpretações insensatas que os fariseus davam à lei. Obviamente, na visão dos fariseus, seus regulamentos humanos igualavam-se à irredutível Lei de Deus. Essa é uma visão que o povo cristão deve sempre ver como um erro.

Jesus lança um golpe contra aqueles fariseus usando a própria espada deles, as Escrituras. Ele se vira para aqueles peritos e diz: “Vocês nunca leram 1 Samuel 21? Davi e seus homens estavam com fome quando foram ao tabernáculo. Ele entrou ali e pegou alguns pães da proposição e os dividiu com os seus homens porque estavam mortos de fome. A lei permitia que somente os sacerdotes comessem aqueles pães”. Os pães da proposição dentro do tabernáculo eram doze unidades, cada um para uma tribo de Israel. Depois desse pão ficar uma semana na mesa, ele podia ser comido, mas somente pelos sacerdotes. A Lei de Moisés era clara a respeito desse assunto. Jesus disse: “Certamente, com todo o conhecimento que vocês têm das Escrituras, vocês sabem desse incidente em 1 Samuel 21. Davi fez o que, de acor-

do com a Lei, era ilegal, mas vocês não o condenam por isso. Por que, então, vocês vêem falha nos meus discípulos?” O argumento de Jesus é este: “Davi, quando faminto, comeu os pães da proposição, um ato admitidamente ilegal. Apesar disso, os fariseus justificavam o seu ato. Meus discípulos pegaram espigas no sábado porque estavam com fome, algo que a lei de Deus permite, e vocês os condenam. Vocês se convencem pela sua própria lógica”.

Deixando os fariseus totalmente desconcertados com isto, Jesus acrescenta no versículo 27: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado”. A expressão acima implica a grande verdade de que quando as necessidades humanas entram em conflito com a observância do sábado, a prioridade é a satisfação dessas necessidades. Jesus podia julgar corretamente a questão porque Ele era o Senhor do sábado. Isto tirava a questão do âmbito da lógica e a colocava no âmbito da autoridade divina. A interpretação legalista dos fariseus das regras do sábado estava errada. Eles impediam os homens de fazerem várias coisas, em vez de ajudá-los. O sábado foi dado para prover ao homem um dia de descanso, não para impedi-lo de comer quando estivesse com fome.

O argumento dos fariseus nessa ocasião é semelhante à visão dos que argumentam que uma pessoa não pode receber transfusão de sangue quando está morrendo porque Atos 15 proíbe os cristãos de comerem sangue. Nenhuma das leis de Deus foi elaborada para ser interpretada de modo a prejudicar os homens em vez de ajudá-los. Jesus deixou isto claro. Se a religião de uma pessoa a impede de ajudar alguém que esteja em necessidade, então essa religião está errada, independentemente do raciocínio lógico que venha ser citado para substanciar tal posição. É por isso que Jesus diz aos fariseus no relato de Mateus sobre esse incidente: “...Misericórdia quero e não holocaustos” (Mateus 12:7). O que importa são as pessoas; elas é que devem ser levadas em consideração.

O Segundo Incidente

Logo depois do incidente do campo de espigas, Jesus é acusado de cometer outra violação do sábado. Isto está registrado nos 6 primeiros versículos do capítulo 3.

De novo, entrou Jesus na sinagoga e estava ali um homem que tinha ressequida uma das mãos. E estavam observando a Jesus para ver se o curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem. E disse Jesus ao homem da mão

ressequida: Vem para o meio! Então, lhes perguntou: É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la? Mas eles ficaram em silêncio. Olhando-os ao redor, indignado e condoído com a dureza do seu coração, disse ao homem: Estende a mão. Estendeu-a, e a mão lhe foi restaurada. Retirando-se os fariseus, conspiravam logo com os herodianos, contra ele, em como lhe tirariam a vida.

Se Jesus fosse uma pessoa prudente e cautelosa, Ele teria providenciado meios de não ver o homem da mão ressequida, pois Ele sabia que curar aquele homem era correr atrás de problemas. A atitude dos judeus ortodoxos em relação ao sábado, como já vimos, era rígida e irredutível. Sendo assim, Jesus sabia que os fariseus estavam à espreita. Para Jesus, aquela era mais uma prova, e Ele a encarou com calma e diretamente. Jesus chamou deliberadamente o homem para o meio e voltou os holofotes para ele, como se dissesse: “Vejam! Não quero que nenhum de vocês perca isto. Quero que todos vocês vejam o que estou prestes a fazer”. Enquanto o homem permanecia de pé no meio deles, Jesus virou-Se para os fariseus e lançou uma pergunta contundente: “É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal?” Mas eles permaneceram em silêncio. Eles não ousavam tocar naquele assunto. Se dissessem: “É legal fazer o bem nos sábados”, estariam justificando o que Jesus estava prestes a fazer. Se dissessem: “Não é legal você curar esse homem”, estariam dizendo, em outras palavras: “É legal fazer o mal”, porque não curar o homem seria mau. Se assumissem tal posição, perderiam a aparência de serem justos perante o povo.

Jesus também poderia estar dizendo, através daquela pergunta: “Qual dessas opiniões está, neste momento, mais próxima do espírito do sábado, a minha ou a de vocês? Estou pensando, enquanto aqui me apresento neste dia de sábado, em fazer o bem, em curar esse homem da mão atrofiada, e sei que nos seus corações vocês estão pensando em fazer, neste dia de sábado, o que é mau, porque estão pensando em me matar. Qual desses pensamentos está mais próximo do espírito do sábado instituído por Deus?” Não é de admirar que eles permaneceram em silêncio. Jesus os pegou. Eles sabiam disso.

Marcos registra que a reação imediata dos escribas e fariseus foi enfurecer-se de tal maneira diante da ameaça que Jesus representou à posição favorecida deles que, imediatamente, saíram e se reuniram com seus inimigos, os herodianos, para conspirar contra a vida de Jesus. Era isso o que Jesus sempre fazia com

o mal. Ele o expunha bem à vista, onde fosse visível a todos.

CONCLUSÃO

Tudo isto é como a pessoa de hoje que acredita que ter religião consiste em praticar um conjunto de determinados atos exteriores — ir à igreja, ler a Bíblia, dar graças antes das refeições — sem, contudo, demonstrar nenhuma solidariedade ou sensibilidade diante da verdadeira necessidade do ser humano.

Recentemente, alguém partilhou comigo um trecho tirado de um livreto intitulado *God Is No Fool* (“Deus Não É Tolo”), escrito por Lois Channing. O trecho recebeu da autora o subtítulo de “Reflexões sobre a Natureza da Vida Cristã”. A autora diz o seguinte:

Você alguma vez já expôs, com o maior cuidado, como eram determinadas coisas e como elas funcionavam e por que elas funcionavam e depois deitou-se, satisfeito? Daí, ouviu alguém repetir o que você disse com o maior cuidado e você mal reconheceu que eram suas aquelas palavras, a ponto do seu cérebro gritar: “Não foi isso o que eu quis dizer!” Às vezes, em momentos de presunção, quando estou falando de Deus, quando estou orando a Deus, quando estou trabalhando para Deus, às vezes, em momentos de presunção, quando estou muito ocupado na igreja, com a igreja e a respeito da igreja, imagino se Deus não está suspirando, sussurrando, falando ou gritando: “Não foi isso o que eu quis dizer!”

Jesus, tanto em palavras como em ações, sempre foi responsivo às regras e regulamentos, mas Ele insistiu no fato de que nenhuma regra deve ser interpretada de modo a privar os famintos, necessitados, desesperados e fracos. Ele sempre Se opôs a esse tipo de interpretação porque é errada, jamais foi a intenção de Deus. O motivo por trás de todas as leis divinas é a Sua preocupação com as pessoas. Deus nos deu Suas leis para nos ajudar, para nos mostrar como conseguir o que mais importa nesta vida e na vindoura. As leis de Deus precisam ser basicamente interpretadas e entendidas à luz do Seu profundo e insondável amor por cada ser humano.

Nas palavras do salmista: “Aos que buscam ao Senhor bem nenhum lhes faltará... Nenhum bem sonega aos que andam retamente” (Salmos 34:9b; 84:11b). Jesus acrescenta no Novo Testamento: “Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (João 10:10). Viver bem é viver em comunhão com Deus. Ele é o único que pode nos dizer em que consiste a vida e como devemos vivê-la. ✦